

Fragmentos de corpo e gênero entre meninos e meninas de rua*

Simone Miziara Frangella**

Resumo

Neste artigo proponho analisar marcas e representações corporais de meninos e meninas de rua, fragmentos etnográficos que, longe de totalizar seu universo corporal, expressam no corpo a dinâmica itinerante, fracionada, múltipla, permeando a construção da sociabilidade dos sujeitos em questão. Através das marcas e técnicas corporais e de negociações de gênero, pude entrever um “saber de rua” calcado no deslocamento espacial contínuo, e em interações sociais construídas no e através do espaço urbano. Os embates entre valores normativos impostos a essas crianças e adolescentes e as práticas próprias da contingência da rua dotam seus códigos sociais de ambigüidades e contradições.

Palavras-chave: Meninos/Meninas de Rua, Corpo, Gênero, Espaço Urbano, Nomadismo.

* Esse artigo é uma síntese de reflexões desenvolvidas em minha dissertação de mestrado – “Capitães do Asfalto”: a itinerância como construtora da sociabilidade de meninos e meninas “de rua” em Campinas, Departamento de Antropologia, IFCH, Unicamp, 1996. A argumentação aqui desenvolvida e algumas descrições do campo pertencem especificamente ao capítulo IV: “O Corpo e o Circuito Itinerante: o privilégio da ambigüidade”. Recebido para publicação em outubro de 2000.

** Doutoranda em Ciências Sociais, IFCH/UNICAMP, bolsista da FAPESP.

Fragmentos de corpo e gênero

Body and Gender Fragments among Street Boys and Girls

Abstract

In this article I investigate bodily marks and representations of boys and girls who live in the streets. The ethnographic fragments here analyzed express the itinerant, ruptured, multiple dynamics that permeate the constructions of the sociability of these children and adolescents. Through body techniques, marks and through gender negotiations, I could glimpse a “street knowledge” based on continuous spatial dislocation and on social interactions constructed in and by the urban space. The conflict between normative values and practices that are linked to the contingency of the streets endow the social codes of these boys and girls of ambiguities and contradictions.

Key words: Street Boys/Girls, Body, Gender, Urban Space, Urban Nomadism.

Fluidez, fragilidade, circularidade e fragmentação moldam o universo de práticas e representações de crianças e adolescentes que passam a maior parte de seu tempo nas ruas. Ao **permanecer** nos lugares da cidade concebidos como espaços de funcionalidade comercial e de **passagem**, alteram-nos, sobrepondo códigos de privacidade e intimidade aos da ordem pública. A circulação de meninos e meninas pelas ruas gera impacto; vistos como "crianças e adolescentes fora do lugar", são submetidos, conseqüentemente, a práticas contínuas de expulsão, intensificando o deslocamento por instituições assistenciais e pelas casas de suas famílias. A passagem por esses lugares, no entanto, é fugaz, e a rua é o ponto de centrifugação onde valores e discursividades apreendidas no decorrer desse circuito – casa, instituição, rua – são condensadas e redimensionadas.

Nesse contexto, o corpo se torna uma dimensão relevante. A dinâmica circulante das crianças e adolescentes “de rua” expressam, realocam, e refazem quotidianamente no corpo os sentidos do espaço urbano. O presente artigo trata de pensar as noções de corporalidade construídas por esses meninos e meninas. Enfocando marcas, práticas corporais e delineações de gênero que constituíram o universo de observação da pesquisa, esta análise pretende indicar como a sociabilidade itinerante, fruto da relação desses meninos e meninas com o espaço urbano, tem no corpo sua manifestação mais significativa.¹ Minha argumentação central é que a itinerância dota as construções corporais de meninos e meninas de rua de particular ambigüidade. O mundo da corporalidade é enunciativo das

¹ A pesquisa de campo a partir da qual iniciei minhas reflexões foi feita no centro da cidade de Campinas durante 5 meses. Lá acompanhei o trabalho cotidiano de educadores de rua da Pastoral do Menor. Os meninos e as meninas nos quais está centrada a pesquisa passam a maior parte de seu tempo na rua, têm um vínculo muito frágil com a família; praticam a mendicância, o roubo e, ocasionalmente, a prostituição. Os 25 meninos e meninas pesquisados variaram entre 8 e 18/19 anos, embora as faixas etárias de maior recorrência foram a de 13/14 anos e 16/18 anos. FRANGELLA, Simone M. “Capitães do Asfalto” Op.cit.

Fragmentos de corpo e gênero

contradições e das relações fragmentárias criadas a partir da ocupação que fazem das ruas.

Os corpos dessas crianças e adolescentes estão abertos às intervenções de outros personagens: estão constantemente sujeitos à agressividade física, aos processos de disciplinarização por parte dos programas de reabilitação ou assistência que predominantemente os cercam. Por outro lado, o aprendizado de rua – que se faz, entre outras formas, através de técnicas corporais – propicia uma negociação de espaços que torna meninos e meninas visíveis. As *performances* corporais intensamente maleáveis e as práticas de sobrevivência e de fuga moldam limites corporais de meninos e meninas ao caráter itinerante, abrindo espaço para a afirmação de suas singularidades enquanto indivíduos sociais.

Essas singularidades são, porém, continuamente rompidas pela sobreposição de condutas, valores e discursos que se projetam efetivamente sobre as crianças e os adolescentes.² Pautados pela itinerância, esses valores e condutas oscilam entre a reafirmação discursiva tradicional sobre o uso e a imagem do corpo e uma prática disruptiva de circulação, entre os valores construídos a partir da rua e os recorrentes de lugares cuja dinâmica lhe é oposta. As contradições, fruto desse processo de oscilação, manifestam-se na violência, na sujeira, nas roupas, nas técnicas corporais, nas representações sobre sexualidade e gênero.

² Essa projeção está presente na forma disciplinadora das instituições de atendimento, ou no preconceito dos familiares e colegas do bairro dos meninos; preconceito este que os meninos incorporam e assumem também como sua imagem.

Corpos itinerantes

As crianças e adolescentes “de rua” são nômades da cidade³, como outros personagens que por ela perambulam: os mendigos, os “loucos”, os andarilhos (ou trecheiros, estendendo seu circuito pelas estradas, e acentuando esta dinâmica de deslocamento). A rua, para esses sujeitos, não é considerada apenas um lugar de passagem, ou de vivência de atividades de ordem pública (como o exercício de relações comerciais, ou o uso da rua como espaço de lazer). A rua é o lugar no qual vivem, misturando seus universos público e privado, nublando discursos que circundam os meios mediáticos e permeiam o senso comum, que opõem o mundo “seguro e ordenado das casas” à “desordem e ao perigo das ruas”. O universo de tais personagens se faz na mistura dessas qualidades, na entremeação entre duas formas de “experienciar” a cidade – uma forma mais fixa, sedentária, normatizada; e a nômade, descontínua, fragmentada, a partir da qual se constituem variadas diferenças sociais, ou múltiplas fronteiras simbólicas, de sujeitos sociais que disputam a significação do espaço.⁴

Os meninos e as meninas, estando no limite entre estas duas ordens, tornam seu modo de vida uma constante negociação. Saem de suas casas e adotam gradualmente a rua como espaço cotidiano; nela, entram em contato com as entidades de

³ Sobre nomadismo urbano ver MAGNI, C. T. Povo da Rua: um estudo sobre nomadismo urbano. *Coleção Cadernos da Cidade*, vol. 2, nº 4, Porto Alegre, junho de 1995.

⁴ A experiência urbana contemporânea propicia a formação de uma “arquitetura complexa de territórios, lugares e não-lugares, que resulta na formação de contextos espaço-temporais flexíveis, mais efêmeros e mais híbridos que os territórios identitários”. Ou seja, o aparente espaço esvaziado ou de passagem é um entrecruzamento de lugares sociais, de disputas de territorialidades, de zonas de contato, cujas interações liminares complexificam e refazem o espaço. ARANTES, Antonio A. Guerra dos lugares – sobre fronteiras e liminaridades no Espaço Urbano. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional*, nº 23, 1994.

atendimento que os seduzem ou os impelem a deslocar-se para instituições fechadas, para uma nova rotina; geralmente não se adaptam e voltam às ruas; passam por suas casas e novamente circulam. Nesse circuito incessante, há sempre muitos personagens sociais com os quais meninos e meninas dialogam e negociam; é uma **viração**⁵ contínua, operando os múltiplos códigos que a constroem.

Esse ato contínuo de virar-se, atuando com várias *performances* sociais diferenciadas a partir de cada interação social diversa, constitui um dinâmico “saber de rua”. É um conhecimento apreendido através da gradual permanência no espaço da rua e dotado de um caráter contingencial. Como no caso dos trecheiros, a viração acontece no *fazer-se andando*.⁶

As *performances* que configuram a viração apóiam-se no caráter contingente dos contatos das crianças com seus interlocutores no espaço urbano. Meninos e meninas constroem *performances* sociais – mais do que desempenham papéis – de acordo com o que precisam no momento em questão e com a pessoa com quem estão dialogando. Em meio a essas interações, recortam-se e definem-se relações sociais e criam-se constantes re-significações: do espaço urbano, através das marcas que os

⁵ A *viração* é uma expressão êmica que designa usualmente o ato de buscar recursos para sobrevivência. Gregori a define como uma noção particular às variadas *performances* que meninos e meninas de rua fazem de “acordo com o interlocutor e do seu contexto de interação”, sendo que nesses atos *performáticos*, eles oscilam entre se colocarem como algozes ou como vítimas. GREGORI, M. F. Meninos na Rua: a experiência da viração. Tese de Doutorado. SP, USP, 1997, p.21.

⁶ O modo através do qual esse cotidiano se inscreve na cidade é o caminhar. Esse ato é a forma elementar, segundo de Certeau, de experimentar a cidade. Visualizamos as práticas pelos seus passos que delineiam caminhos singulares e se superpõem, entrecruzam-se em um movimento incessante de construção da cidade, constroem uma retórica que está sempre, de uma forma ou de outra, em relação com a ordenação oficial do espaço. Sobre a inscrição dos passos na cidade ver DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 1994, pp.177-180.

meninos deixam nas praças, ruas, estátuas, casas abandonadas; de valores trazidos de outros lugares de seu circuito – casa e instituição –, compondo o discurso “normatizador” que sobre eles se impõe. O “saber de rua”, conseqüência dessas reelaborações, move-se constantemente, como imagens de um caleidoscópio, criando combinações inúmeras, pautadas pela circularidade e pelo caráter fragmentário da dimensão espaço-temporal que caracteriza a rua.

Se o espaço urbano atualiza um discurso social, o corpo o expressa e o produz. Sendo, sobretudo, o elemento que carrega consigo a propriedade da itinerância, base da construção do universo desses meninos, o corpo evidencia as marcas da territorialidade itinerante, das contradições e ambigüidades, frutos do embate de significados do uso do espaço da cidade. Meninos e meninas, andando pelas ruas do centro urbano, sem referência fixa, com poucos bens materiais, sem casa, têm sobretudo seus corpos como manifestação de sua experiência ambulante.

Dentre as experiências corporais dessas crianças e adolescentes, as que geralmente tornam-se mais explícitas são as formas impositivas de controle sobre o corpo. Há um aparato instrumental e institucional que busca constantemente disciplinar esse corpo fugidio e “rebelde”, seja por mecanismos repressivos, seja pela projeção de um discurso socializador corregedor, que impõe a essas crianças e adolescentes uma imagem estigmatizada de si mesmas.

Pode-se pensar nestes procedimentos como parte de um processo histórico ocidental cujas metas são a integração social, ou a manutenção de uma assimetria de poder. Por um lado, o corpo se reafirma como depositário de formas coercitivas de disciplinarização – amplamente descritas por Foucault⁷ – presentes nas prisões, escolas, hospitais e outras instituições sociais. Por outro, reiteram-se os mecanismos “civilizatórios”, retratados por

⁷ Foucault, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Vozes, 1989; *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro, Graal, 1979.

Fragmentos de corpo e gênero

Elias⁸, promovendo a naturalização e a incorporação de códigos de comportamento social através de hábitos cotidianos e de educação. Ambos os processos estão presentes no itinerário circulante de meninos e meninas “de rua”. As tentativas de sujeitá-los a uma ordem social ocorrem freqüentemente nas instituições de atendimento, na FEBEM, nas escolas que já freqüentaram, ocasionalmente, ou nos lugares de trabalho. Nesses lugares há rígidos horários para acordar e dormir, para o exercício de atividades; regram as formas de sociabilidade, limitam o espaço em que podem andar. O oferecimento de alternativas à rua canaliza para um processo de controle corporal ao qual garotos e garotas, depois de tempo considerável na rua, tem muita dificuldade em se adaptar e ao qual não necessariamente desejam se submeter.

A luta para garantir os direitos da criança e do adolescente, ainda que tenha avançado significativamente com o ECA⁹ e com a implementação dos conselhos tutelares¹⁰, não diminuiu de forma expressiva a vulnerabilidade desses meninos e meninas às mais variadas reações a sua presença nas ruas. A intervenção sobre seus corpos extrapola o campo da ordem legitimada do poder policial, disseminando-se por segmentos sociais. Tais ações reiteram, sobretudo, como afirma Caldeira¹¹, o conflito entre a luta por manter um modelo universal de garantia de direitos universais e a presença de óticas que se opõem a esse modelo ao excluir dele sujeitos considerados fora da possibilidade de socialização.

Os códigos de comportamento social pairam sobre os discursos e mesmo sobre a atividade dos meninos e meninas de

⁸ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Zahar, Rio de Janeiro, 1939 (1990), Vol. 1.

⁹ *Estatuto da Criança e do Adolescente*, promulgado em 1991.

¹⁰ Sobre os efeitos do ECA e Conselhos Tutelares, ver GREGORI, M. F. e SILVA, Kátia Aida da. *Meninos de rua e instituições: tramas, disputas e desmanche*. São Paulo, Contexto/Unesco, 2000.

¹¹ CALDEIRA, T. P. *Cidade de Muros – Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, Editora 34/Edusp, 2000.

forma bem mais tênue do que nos universos de socialização da criança ou do adolescente educado em casa e na escola. No entanto, sua projeção funciona mais como um reforço do estigma a que são imputados e menos como mecanismo de integração funcional. Meninos e meninas compartilham a internalização de regras sociais com outros segmentos sociais, mas operam com elas de uma forma particular, como veremos adiante, o que os leva a lidar com uma contradição entre o estigma, que eles assimilam, e o comportamento criado a partir das estratégias de vida na rua. Ainda assim, as crianças e adolescentes de rua não escapam dos padrões de conformação corporal instituídos por esses hábitos e por imagens mediáticas homogeneizadas e comercializadas.

Os mecanismos coercitivos aqui indicados revelam o corpo como um texto, no qual inscrevem-se a lei e os procedimentos disciplinadores do indivíduo. Os instrumentos de controle transformam o corpo individual em um corpo social, “em tábuas de lei, em quadros vivos de regras e costumes, em atores do teatro organizado por uma ordem real”.¹² Esses instrumentos, criando um contexto no qual os atores sociais atualizam, constantemente, as regras sociais, conferem ao corpo uma escritura.¹³

A coerção, entretanto, não define integralmente esse corpo. É possível entrever outras escrituras. A prática da viração, a pouca idade e a circulação contínua adicionam outros contornos. Se o corpo de delimitações imprecisas permite intervenções de tipos variados, é possível pensar que nele também podem estar inscritas outras expressões sociais, outros saberes que não o disciplinar da escola, da família, das instituições. Cria-se uma outra textualidade, com outros códigos semânticos e de sintaxe indefinida. Esse corpo vulnerável, aberto, permite o registro de experiências e demarcações que escapam aos limites das intervenções. As noções corporais de meninos e meninas de rua,

¹² DE CERTEAU, Michel. Andando na cidade. *Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*, n° 23, 1994, p.231.

¹³ ID., IB., p.231.

constituídas através do “saber de rua” podem ser lidas dessa maneira.

A vivência de rua não impede as intervenções coercitivas, mas as relativiza. Ela é expressão de um diálogo com os mecanismos de dominação e com outras instâncias sociais, não isento de resistência ou contradições. Essas crianças e adolescentes, estando em uma faixa etária usualmente caracterizada pela incompletude, criam práticas sociais que parecem estar em incessante conflito, seja com os processos normativos idealizados para a criança e o adolescente, seja com o choque da violência exterminadora ou excludente.

Os resultados desse conflito são ambivalências e contradições. Torna-se simultaneamente visível, nas práticas itinerantes de meninos e meninas, o vazio social e as marcas múltiplas de seu trajeto no espaço urbano. O corpo é um *locus* enunciativo das práticas e das representações que o singularizam, mas que são mutáveis dentro desta territorialidade itinerante. Essa textualidade é o foco desse artigo. Não se trata de dar conta de todo o universo de corporalidade destes meninos e meninas, mas antes de apontar para uma escritura específica revelada na pesquisa, constituída – gradualmente, na ordem que vem em seguida – pelo despojamento, pela maleabilidade corporal e por negociações de gênero.

Marcas corporais – sujeira/limpeza e despojamento

Meninos e meninas exibem marcas de feridas do corpo exposto ao frio, ao calor, ao vento, fatores físicos que comprometem a pele e os cabelos e do asfalto duro que fere os pés. Eles e elas chegam às ruas calçados. À medida que o tempo passa, desvinculam-se dos sapatos, criam então grossos calos e inúmeras cicatrizes de cortes que, misturados à sujeira cobrindo-lhes os pés, conferem uma aparência encardida e insalubre. Os cabelos passam muito tempo sem lavar; às vezes duas, três semanas, e vão engordurando-se com o tempo. Quanto maior o

tempo em que ficam nas ruas, maior a espessura de sujeira que cobre seus corpos. Quando voltam das constantes visitas a casa da família ou de amigos, ou mesmo a instituições, aparecem limpos. Conforme fazem seu cotidiano ambulante, aparecem novamente com a “aparência desgrenhada”. As marcas de sujeira dizem respeito não somente ao tempo que estão perambulando pelas ruas, mas também à sua gradual vinculação com estas.

À essas marcas somam-se outras, as da violência, parte fundamental na constituição de seu itinerário cotidiano, trazendo consigo a memória das cargas de violência provenientes desse circuito. Os corpos violentados trazem consigo cortes na cabeça, tiros, marcas de facadas, estiletadas, olhos machucados.

Para dormir, garotos e garotas procuram papelões e cobertores velhos. Muitos dormem em contato direto com o chão. Às vezes, entorpecidos, pela manhã, não tem disposição para pensar em como “se arranjar”. Os cuidados com a saúde e a higiene pessoal são mínimos. Normalmente, a higiene diária é feita em locais públicos, ocasionalmente em banheiros públicos ou albergues. Muitas vezes, porém, meninos e meninas recorrem a matagais, becos, cantos possíveis.¹⁴ A alimentação diária é irregular. Em geral comem marmitex ou sanduíches. Eventualmente, conseguem garfos de plástico. Costumam jogar os restos e os papéis ou alumínio que envolvem a comida em qualquer canto do chão. O contato com lixo, aliás, é freqüente, em busca de sobras recém-jogadas, na mistura do local de excreção e de outras atividades com o de alimentação, como é nos mocós.¹⁵

O uso que meninos e meninas fazem das roupas faz parte de uma atitude de despojamento. Usam a roupa até gastar; ela é tão descartável como o lixo. Normalmente, não têm onde lavar a

¹⁴ MAGNI, C. T. Povo da Rua... Op.cit., p.31.

¹⁵ Os mocós reúnem estes resíduos de uma forma significativa. São lugares, tais como casas abandonadas, terrenos, fechados, adotados pelos meninos para se esconder da polícia e fumar *crack*. Esta palavra, assim como o verbo mocoçar-se, é expressa constantemente por meninos e meninas e por educadores.

roupa; mas quando têm, não há disciplina.¹⁶ Quando estão nas ruas, recebem muitas roupas de entidades filantrópicas, ou de transeuntes. No entanto, como habitantes nômades da rua, lhes resulta difícil carregar pertences, sobretudo para suas aventuras cotidianas. São pouquíssimas as roupas que guardam e com as quais têm cuidado especial. Trocam entre si as roupas que têm, assim como o cobertor que usam.

Sujeira e descuido são parte do universo de meninos e meninas, mas, no caso destas, esses aspectos as aproximam de uma aparência masculinizada, interrompida nos momentos em que circulam pelas casas ou instituições. Nessas ocasiões voltam limpas e vestidas com acessórios femininos. Muitas vezes, na rua, não é possível distinguir meninos de meninas. Usualmente as meninas andam de boné, o cabelo despenteado e sujo por debaixo, calça e camiseta, o rosto nublado pela sujeira, a postura agressiva e fechada; mantém o olhar desafiador que, presente nos dois gêneros, intensifica-se nas meninas. A sujeira atua como um elemento isolador e protetor, especialmente quanto ao corpo feminino.

Essas características estendem-se a outros habitantes da rua.¹⁷ As marcas de sujeira são inscrições que dão indícios desse modo de vida. O corpo despojado, isento de cuidados, sujo, envolto em trapos, choca, incomoda. Se, por um lado, meninos e meninas se aproveitam dessas reações e reforçam a atitude mendicante, por outro, a consciência desse efeito provoca reação e sentimento de vergonha, de embaraço. Daí a busca pelos banhos. São recorrentes as reivindicações dessas crianças e adolescentes para lavar-se. O desejo de “trazer o banho às ruas” é especialmente revelador de como eles lidam com as noções de sujeira e limpeza. Tomar banho e permanecer na rua significa trazer a limpeza – signo associado à ordem – para o espaço onde

¹⁶ Nas casas abertas que se espalham pelas cidades, crianças e adolescentes podem tomar banho, lavar roupa, comer e brincar.

¹⁷ MAGNI, C. T. Povo da Rua... Op.cit., p.32.

seu corpo se torna vulnerável, seja fisicamente, pela possibilidade de serem agredidos pela sua aparência suja, seja simbolicamente, em uma tentativa de diminuir o estigma que pesa sobre eles.

O tempo de permanência na rua reveste os corpos de meninos e meninas da sujeira que enuncia a ausência de espaço para se submeterem ao padrão de cuidado e higiene pessoal. Nesta escritura corporal, a sujeira do corpo acaba sendo fruto de uma espécie de despojamento corporal que acompanha essa dinâmica circulante e se torna um de seus principais marcos. Cria-se uma imagem de agentes poluidores, sujos, parias.¹⁸ Ao mesmo tempo, o constrangimento e a vergonha que meninos e meninas têm com relação à sua aparência batem de frente com as práticas aventureiras e imprevisíveis de seu dia-a-dia. Isto acaba por criar uma ambigüidade nas representações, discursos e condutas dessas crianças e adolescentes, reiteradas cotidianamente, sem uma aparente solução e produzindo continuamente conflitos.

O cuidado com a estética, assim como o banho e as roupas, são signos “ritualizados” publicamente por meninos e meninas, no sentido de traze-los, simbolicamente, do circuito da casa para a rua. Quando as meninas, sobretudo, voltam da casa de suas amigas, exibem um novo *look*, bastante feminino: shorts bem curtos ou saias e mini-blusas justas; batom, cabelos arrumados, cortados ou tingidos, brincos e pulseiras, perfume. É como brincar de um novo estilo. Elas se apropriam de cosméticos para pele e cabelo e os utilizam no espaço aberto. Semanas depois, aparecem com cabelos novamente embaraçados e sujos. Já os meninos gostam de desfilar suas roupas recém-ganhas ou roubadas: camisetas, bermudas, bonés, óculos escuros. Divertem-se particularmente com “mudarem a cara”. Há uma referência

¹⁸ Na descrição literária estudada por Geremek, a diferenciação física do pobre adquiriu o que ele chama de “reportagem etnológica”, marcando a diversidade e colocando o miserável como um outro. GEREMEK, B. *Os Filhos de Caim – vagabundos e miseráveis na literatura européia 1400-1700*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988, p.10-12.

constante ao estar ou se fazer bonito ou limpo, mas esta dilui-se no ciclo efêmero, vago, de atividades diárias.

Os objetos de consumo têm um efeito de exposição e divertimento semelhante. Tênis (roubados ou comprados), brincos, perfumes, colares, bonés são usados ocasionalmente por meninos e meninas. Diferentemente de gangues e grupos de jovens que tomam o consumo como eixo organizador da marcação identitária¹⁹, a apropriação desses materiais, ganhos ou roubados, é feita de forma irregular, ocasional. Estes objetos, do mesmo modo circunstancial que chegam às suas mãos, escapam-lhes. São esquecidos em aventuras, perdidos, estragados. Seu valor enquanto expressão de superioridade dura pouco e obedece à mesma lógica do cuidado com os cabelos: uma vivência divertida, uma vaidade momentânea.

Apesar do caráter lúdico e pouco duradouro, tais atitudes expressam o embate de sentidos espaciais e temporais que moldam a subjetividade dessas crianças e adolescentes. Pintar o cabelo, usar roupas bonitas e limpas, tomar banho, estar na moda, maquiar-se, tornam-se ritualizações que, na rua, transportam-nos para uma outra ordem de representação que não é a que estão inseridos, a representação de limpeza, de asseio, de ordem, de possibilidade de incursão em locais públicos e de consumo, ou ainda, para um modelo idealizado de meninos e meninas adolescentes. Assim, essas ritualizações singularizam essas crianças e adolescentes enquanto gênero e faixa etária. Meninos e meninas, operando com um código de estética cujos princípios de limpeza, beleza e consumo estão disseminados como valor pela sociedade como um todo, *performam* sua entrada no imaginário do qual são usualmente excluídos.

¹⁹ Sobre ao assunto, ver HEBDIGE, D. *Subculture - The Meaning of Style*. New York, Methven, 1979; DIÓGENES, G. *Fragmentação Social e grupos identitários: a lógica das redes de solidariedade fechada*. Texto apresentado no GT-Cidadania, Conflitos e Transformações Urbanas, XX Encontro Anual da ANPOCS, outubro de 1996.

Tal comportamento ritual, simbólico, tem, na linguagem de Leach, para além de seu intuito de estabelecer uma comunicação – criar, através da higiene e da estética, uma linguagem que seja comum entre meninos e seus interlocutores –, um caráter pragmático. Como um simbolismo público²⁰, além de dizer sobre o estado das coisas, ele as altera. Nesse sentido, as *performances* estéticas dos personagens em questão modificam, nesse momento, suas aparências, mimetizam-os em meio à multidão urbana, criando o efeito, particular e contraditório, de projetá-los no espaço através da imagem desejada de não-excluídos, relativizando, simultaneamente, o caráter “de rua” de meninos e meninas.

Poder-se-ia ver contradições entre sujeira e limpeza, cuidado e despojamento – que marcam o universo corporal das crianças e adolescentes – como fruto de restrições sociais que se impõem aos “símbolos relativos ao controle corporal”.²¹ Considerando, como o faz Mary Douglas, que o controle sobre o corpo é consequência de um esforço constante de se reforçar limites sociais, a associação do mundo das ruas com a sujeira reitera a visão deste espaço como lugar fora de controle, desordenado. Em uma articulação que opõe ordem e desordem, expressa nas classificações sobre o corpo físico, o controle volta-se para o lugar onde se diagnostica a desordem. Onde os limites da ordenação são frouxos, como parece ser o caso da rua, o corpo social impõe suas restrições, na medida em que projeta sobre o corpo físico as distâncias sociais entre sujeitos poluentes e sujeitos puros. Daí a permanente elaboração de uma imagem de sujeira e perigo que pesa sobre as crianças e adolescentes de rua.

²⁰ Leach indica esse simbolismo público como um comportamento ritual de significado social compartilhado entre as pessoas que o fazem. LEACH, Edmund. O cabelo mágico. In: DA MATTA, Roberto. (org.) *Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo, Ática, 1983, p.147.

²¹ DOUGLAS, Mary. “Los dos cuerpos”. *Símbolos naturales – Exploraciones cosmología*. Barcelona, Alianza, 1970 (1973), p.17.

Mary Douglas visualiza categorias de oposição integradas, partindo do pressuposto de que a relação entre o puro e o impuro se articula sistematicamente, criando uma unidade social. A autora afirma que a oposição asseio/descuido “constitui elemento constitutivo do conjunto geral de contrastes simbólicos que expressam a dicotomia formal/informal”.²² Desse modo, para entender uma característica do descuido, é necessário que ele seja associado a outras manifestações que componham um comportamento considerado em uma totalidade.

No entanto, essa visualização torna-se complicada quando nos voltamos à experiência urbana contemporânea. Se há uma articulação entre sujeira/limpeza, puro/impuro, ela não se faz de forma integrada, unificada, mas antes em uma movimentação que põe em questão, ou que reordena constantemente os parâmetros que delimitam ordem e desordem. É como se os corpos físicos extrapolassem as fronteiras delimitadas pelas codificações sociais; tornam-se mais elásticos, flexíveis. Os elementos considerados poluidores não necessariamente são considerados em uma totalidade que expresse um comportamento definido.

O modo como meninos e meninas processam essas diferenças é revelador da relativização que sofrem estas classificações de mundo opostas, fragmentando-as e rearticulando-as em uma multiplicidade de outros códigos. Em outras palavras, a oposição entre sujeira/limpeza, poluição/ordem está presente no universo desses meninos e meninas. Mas, ela embrenha-se com os códigos elaborados nas práticas itinerantes, resultando em posições ambíguas frente a essa classificação.

Práticas corporais – maleabilidade e adequação a rua

O uso que os meninos e as meninas fazem do corpo, a utilização de certas “técnicas corporais” em suas práticas do dia-a-dia, também revelam particularidades ligadas ao mundo da rua.

²² ID., IB., p.98.

São adaptações do indivíduo à dinâmica de movimento nas ruas, resistindo às interdições a que são submetidos, ou colocando-se como interlocutores no complexo meio social em que estão. Em outras palavras, as técnicas corporais são *performances* operacionais, táticas²³ que se fazem na prática do espaço, que se aproveitam das ocasiões. Ao mesmo tempo, essas práticas permitem perceber a possibilidade múltipla de circunscrições de códigos.

Três *performances* são muito reveladoras das negociações diárias que essas crianças e adolescentes fazem para sobreviver. A mendicância, tida como um dos principais meios de obtenção de dinheiro para comida e *crack*, é uma delas. A mendicância é uma das formas mais recorrentes de contato entre pedestres e meninos e meninas de rua. Para pedir dinheiro – nos semáforos, nas esquinas ou nas praças – eles assumem uma postura de inferioridade; expõem excessivamente suas sujeiras e deficiências, enfatizam sua situação de fome e desamparo. Com essa atitude, acabam por atingir o transeunte e o motorista, quase obrigando-os a doar. Não se trata de forjação integral de uma situação de fome e escassez de recursos, pois esta é vigente em seu universo. Mas há uma exacerbação da condição de inferioridade que serve como instrumento da viração.

A mudança para a postura mendicante é rápida e com toques teatrais. Expressões de autopiedade e chorosas; infantilização da voz, jogando o canto dos olhos para baixo; relatos dramáticos de sua situação de fome, exclamações

²³ Minha inspiração é no trabalho de de Certeau. O autor estabelece uma diferença entre estratégia e tática. Enquanto a estratégia é um cálculo de forças que se faz sobre um *lugar*, “capaz de ser circunscrito como um *próprio*”, e portanto visto com exterioridade, a tática é um cálculo a ser feito sem distinguir o outro como uma totalidade visível, sem contar com suas fronteiras. A estratégia domina o tempo. A tática, por sua vez, “depende do tempo, vigiando para ‘captar no vôo’ possibilidades de ganho. O que ela ganha, ela não guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para transformá-los em ‘ocasiões’”. (DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Op.cit., p.47.

como “pelo amor de Deus”, pedindo “uns trocado”. Esse comportamento gestual da mendicância se repete em qualquer cruzamento da cidade. Às vezes, a transformação nas feições é quase imediata. Utilizam-se dessa expressão e assim que recebem o dinheiro perdem a necessidade de mantê-la, sequer esperando que a pessoa inquirida esteja distante. Dessa maneira, percebem-se os contrastes entre esse comportamento choroso e as posturas aventurosas e infantis pelas ruas.

A receptividade a essa prática de pedir é maior quanto menor é a criança. Quanto maior seu crescimento, aparente pelo seu desenvolvimento físico, mais difícil é obter êxito na mendicância. Assim, como diz Magni sobre a questão do crescimento na rua:

...mais ou menos subitamente, de “menores de rua” tornam-se “vagabundos marginais”, sem terem, nesse meio tempo, adquirido capacitação para passarem do mercado da mendicância ao mercado de trabalho legítimo...²⁴

Quando a mendicância é inviável, meninos e meninas utilizam um segundo recurso: a mendicância agressiva. Recentemente, a prática de mendigar vem sendo gradualmente acompanhada de uma postura ameaçadora. O pedido de recursos vem acompanhado de uma espécie de “imposição”. Não há necessariamente um toque corporal que possa ser indício de ameaça física. Entretanto, a perplexidade e o susto, por parte dos transeuntes, diante do pedido feito através do olhar ameaçador e arrogante, possibilita pensar que sua doação é mais uma consequência mecânica de se livrar de um problema e do medo.²⁵ Havendo ou não uma expressão concreta de ameaça, o clima de tensão é facilmente formado.

²⁴ MAGNI, C. T. Povo da Rua... Op.cit., p.33.

²⁵ Esta tática da arrogância é, muitas vezes, bem sucedida, como salientam SILVA, Hélio e MILITO, Cláudia. *Vozes do meio fio*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995, p.114.

Muitas vezes, a reação dos transeuntes é igualmente agressiva, o que acirra esse clima de tensão. Assustados ou irritados, meninos e meninas tendem a reagir, xingando às vezes, jogando objetos. Essa atitude ameaçadora acaba por diminuir o impacto da imagem do menino e da menina na rua enquanto *criança*. A pena dá lugar ao medo e à raiva. A mendicância agressiva, assim como a comercialização do medo feita pelos pequenos guardadores de carros e o furto expõem o que Milito e Silva qualificaram como um avanço sobre os limites clássicos da infância:

O pedir enquanto se ameaça, o ameaçar enquanto se vende, o assalto em si seriam gradações dos *avanços dessas crianças sobre os limites clássicos da infância*. Esse avanço, quando mais exasperado, produz o menino rebelde agressivo, de difícil trato.²⁶

Quando meninos e meninas se utilizam de um terceiro recurso, os furtos, há um aumento da agressividade e dos riscos. Recentemente, a forma mais visível de furtos tem sido o ataque aos motoristas nos semáforos. Além de chamar atenção do segmento policial, a ameaça nos semáforos provoca reações, também violentas, por parte dos motoristas que, quando reagem, agredem fisicamente; ou acabam por dar base a grupos de extermínio que agiriam em nome da “segurança pública”. Em suma, a violência da qual os meninos se utilizam retorna a eles com intensidade dobrada, tornando-os ainda mais vulneráveis. Já os furtos pelo centro da cidade expressam a agilidade, a rapidez e a sutileza de suas atitudes. Quando não se usa armas (como revólver ou facas que, apesar de utilizadas, são menos comuns nos assaltos diurnos do centro), o roubo é, por vezes, quase imperceptível.

²⁶ Id., *ib.*, p.77. (Grifo dos autores)

Fragmentos de corpo e gênero

Diariamente, garotos e garotas se apropriam de relógios, carteiras, dinheiro, de uma forma tão fugaz que a vítima demora a perceber, ou fica impotente ao vê-las fugindo. É uma movimentação muito sutil de corpos, com certo procedimento comum. Há, primeiro um olhar codificador dos objetos de interesse: observam calças, bolsos, relógios. Quando estão em dois, este código é comunicado um para o outro. Em seguida vem a aproximação, tão rápida e silenciosa que é quase imperceptível. São práticas que se dão em meio à multidão, a rapidez do ato neutraliza a ação da vítima, confundindo a visão dos transeuntes, que parecem não entender aquela aproximação estranha de corpos. Após essa aproximação e o roubo, vem a fuga. Naturalmente, nem sempre são furtos bem sucedidos.

A adequação aos itinerários da rua requer uma maleabilidade constante dos corpos. São formas que essas crianças e adolescentes, não exercendo nenhum tipo de atividade remunerada nas ruas²⁷ encontram para sobreviver e estar nas mesmas. São atividades que incluem particularidades gestuais e de comportamento, a partir da necessidade da expressão de vitimização, da agilidade, da malícia na movimentação e da manifestação de agressividade. Suas táticas conformam *performances* corporais, concretizam a viração. Os corpos *performáticos* de meninos e meninas pressupõem uma observação constante dos sujeitos que estão à sua volta e uma percepção arguta da imagem construída sobre eles.

Assim como assumem expressões de humildade para com os pedestres, essas crianças e adolescentes embrenham-se em cenas para chamar atenção para a violência efetuada contra eles, enfatizando uma agressão que muitas vezes não ocorre. Gritam, choram, acusam e criam situações que confunde educadores, polícia e transeuntes. Essa “dramatização” não oculta a autenticidade do medo que os meninos sentem nessas situações, tampouco apaga a violência a que são de fato submetidos. Mas é

²⁷ Como é o caso dos pequenos engraxates e catadores de papel.

antes uma ênfase no papel de vítima, *performance* que, de forma consciente ou não, torna-se um meio de desviarem-se das forçadas regras que os impediriam de ficar nas ruas, ou das prováveis reações agressivas de comerciantes e pedestres que se irritam com suas atitudes, ou ainda de policiais e traficantes que, de certa forma, disputam o domínio de seus corpos.

Em meio às inscrições múltiplas de códigos nesse universo, há a questão da proximidade corporal. Se, de início, garotos e garotas ficam desconfiados e ariscos com educadores e conhecidos da rua, depois de algum tempo de interação, estabelecida a relação de confiança, tornam-se mais comunicativos, amáveis e carinhosos. A relação de toque, de abraço, afagar cabelos, brincar passa gradualmente a ser permitida e intensificada, salvo as crianças e adolescentes mais fechados e agressivos, que não abrem espaço para esse tipo de contato. Os meninos e as meninas mais novos, apesar de ariscos, “apegam-se” com mais facilidade.

Entre meninos e meninas, o contato corporal é intenso na maior parte do tempo – deitados no colo um do outro, acariciando cabelos, ou andando abraçados. Dormem juntos, dividem o mesmo prato de comida, cigarro, bebida. Empréstam-se roupas e cobertores. É interessante notar que este tipo de intimidade não ocorre indiscriminadamente entre eles; apesar do curto período de pesquisa não permitir a diferenciação de todas as relações de contato, ficou evidente que o contato físico era bem mais recorrente entre as meninas²⁸, ou entre elas e os meninos menores. Há um comedimento maior entre os garotos adolescentes e as meninas, ainda que uma sexualidade expressiva se manifeste de forma latente, implícita, ficando mais restrita à intimidade dos mocós.

²⁸ Poder-se-ia dizer que as meninas que estão nas ruas parecem dedicar boa parte de suas carícias às demais amigas, um contato muito intenso em meio ao circuito em que vivem. Essa aproximação está também presente em espaços institucionais, como FEBEM e FUNABEM.

Fragmentos de corpo e gênero

A familiaridade com o mundo das ruas fica evidente na desinibição ao andar pelas ruas, com olhar desafiador, mexendo com as pessoas, dormindo em qualquer esquina, sem abalar-se com os que param para observá-los ou com o ruído intenso do tráfego. Com transeuntes que se aproximam para conversar, agem primeiramente de forma arisca e indiferente. Jogam com os conselhos morais de retorno à casa e as perguntas sobre o porquê de estarem nas ruas, ironizando-os e/ou ignorando-os. Os adolescentes, principalmente os que já estão há algum tempo na rua, podem oferecer mais resistência a esse tipo de comunicação. Com o olhar indiferente, mas os ouvidos atentos, parecem não se dar conta dos sujeitos que os observam à sua volta.

Intimidade com as ruas e desconfiança com as pessoas são dois sentimentos centrais para o “saber de rua”, para o aprendizado de linguagens e comportamentos com os quais garotos e garotas compõem, divertindo-se, suas imagens. Eles e elas tornam “domínio privado” os lugares considerados públicos e enfrentam as constantes proibições de circularem por bares, lojas, porta de casas e parques. Isto indica que o circuito no qual vão se inserindo, à medida que permanecem mais tempo nas ruas, não se constitui arbitrariamente e em qualquer local da cidade. Esse circuito também é expressão dos limites negociados entre meninos e meninas e os sujeitos que os cercam. Garotos e garotas observam as áreas onde podem constituir uma territorialidade, circunscrevem um limite de segurança, onde possam transitar sem grandes obstruções.

Fragmentos de gênero

Nesse universo de despojamento e maleabilidade do cotidiano da rua podem ser delineados contornos sobre o universo feminino e masculino. Meninos e meninas compartilham práticas e intimidades, mas expressam singularidades de gênero. As referências à sexualidade e a gênero, emergentes no decorrer da

pesquisa, contribuíram para as reflexões sobre a elasticidade das fronteiras simbólicas que se manifestam corporalmente.

Nas cidades brasileiras, o número de meninas andando pelas ruas geralmente é inferior ao de garotos.²⁹ No contexto social de onde se originam, as mães trabalham fora e as meninas têm como tarefa cuidar dos irmãos menores e arrumar a casa. O ambiente doméstico é o espaço que lhes é destinado, ao contrário dos meninos, incentivados a trabalhar nas ruas para auxiliar o orçamento da casa. Recentemente, porém, mães e pais têm também incentivado as meninas a trabalhar nas ruas; elas, muitas vezes, levam os irmãos menores.

A presença crescente e cada vez mais evidente das meninas nas ruas tem, além da necessidade econômica, uma outra justificativa bastante recorrente na explicação dos educadores e das próprias meninas. O abuso sexual no lar, efetuado na maioria das vezes por padrastos, familiares, ou alguém próximo, é um significativo empurrão para o universo das ruas, uma vez que essas formas de sujeição sexual nem sempre são compreendidas pelos familiares, que creditam a responsabilidade de tais atos às próprias meninas. Entretanto, além dessas duas razões, pode-se indicar também uma terceira: o interesse pelas possibilidades lúdicas, oferecendo aventuras, que o espaço urbano parece oferecer, difundidas por colegas do bairro, ou pelos irmãos que já estão imersos nele.

A postura agressiva é uma característica marcante das meninas. Nas conversas com os educadores, nos olhares

²⁹ Ainda que dados quantitativos em nível nacional sobre a presença de meninas não sejam ainda suficientes, alguns estudos indicam que é soberana a presença de meninos. (FAUSTO, Ayrton e CERVINI, Rúben. (orgs.) *O trabalho e a Rua. Crianças e adolescentes no Brasil Urbano dos anos 80*. São Paulo, Cortez, 1991.) A partir da década de 80, o número de meninas “de rua” foi aumentando. (Segundo informações do MNMMR). Todas as meninas pesquisadas estavam entre os 14 e os 17 anos. Não tive conhecimento de meninas menores percorrendo esse itinerário do centro. No entanto, o número de meninas abaixo de 14 anos é crescente.

observadores lançados às pessoas que passam, e no modo de andarem pelas ruas destaca-se o jeito desconfiado e fechado, além da agitação que as envolvia quando estavam juntas, tornando-as muitas vezes barulhentas e chamativas. Com o tempo de contato, o comportamento duro e irônico dá margem a expressões mais afetuosas e relaxadas. Nas instituições de atendimento, e mesmo entre os próprios educadores de rua, as meninas são tidas como extremamente “ariscas”. Contraposto ao modelo de feminilidade que nelas se projeta, seu comportamento destrói expectativas e cria um fosso na convivência entre elas e os profissionais das entidades.

Há razões para esse comportamento agressivo. A presença das meninas na rua está sempre ameaçada, pois a condição feminina acentua a exposição à periculosidade. Por serem **meninas**, parecem estar mais vulneráveis ao assédio de aliciadores, estupradores, de seus companheiros de rua, ou mesmo a reações agressivas por parte de pessoas que as vêem como vagabundas, vulgares, indesejáveis. A agressividade torna-se relevante como defesa. As meninas, ao mesmo tempo em que se destacam pela postura ofensiva, misturam-se ao mundo dos meninos, sem que se possa diferenciá-las deles.

Na paisagem urbana, meninos e meninas dormem, comem, pipam *crack*³⁰, mendigam e roubam juntos. Aparentemente, não há, em suas atividades cotidianas, uma separação entre espaço feminino e masculino. Eles estabelecem relações de troca e de solidariedade, fazendo com que não se perceba formas instituídas de dominação masculina. Garotos e garotas vão em busca de dinheiro, pedindo ou roubando, enfrentando momentos de tensão na relação com a polícia, ou mesmo em busca de drogas. Nestas práticas, as funções parecem indistintas: há o vínculo de pertencimento ao mesmo universo.

³⁰ Pipada significa o consumo de *crack*, que é fumado em um cachimbo, usualmente improvisado com latas de refrigerante. É uma das atividades mais recorrentes desses meninos e meninas na rua.

Se, por um lado, as práticas do dia-a-dia parecem ser uniformes, o mesmo não acontece com o universo da sexualidade e das representações de gênero. Referências a valores usualmente imputados ao comportamento feminino ou masculino são misturadas com práticas consideradas opostas, em termos de gênero, ligadas à sobrevivência, ou que acompanham a efemeridade, o despojamento e a inconseqüência de sua dinâmica cotidiana. Tal mistura implica em uma tensão latente na comunicação entre os dois sexos e mesmo entre pessoas do mesmo sexo.

O circuito da rua é revestido do discurso da masculinidade. Leczneiski, em sua investigação sobre “guris”³¹ de rua em Porto Alegre, chama a atenção para as marcas de masculinidade que estão presentes em seus gestuais, nas lutas corporais que forjam entre si e, discursivamente, nas rimas, narrativas e canções cotidianas que eles criam. Nesse contexto de pesquisa, há uma conotação sexual marcada por ambivalências relacionadas aos dois sexos, assim como uma ênfase na honra masculina. As falas explícitas sobre baixo corporal e sexo, manifestações de desafio e de agressividade e o uso abusivo de palavrões são, para eles, uma forma divertida de exaltar a masculinidade. Para esses meninos, ser guri implica conhecer e “experenciar” a vida na rua.³² O gosto pelo desafio, por exibir autonomia e independência, o reforço de uma linguagem corporal agressiva, está tradicionalmente associado ao universo masculino. A leitura

³¹ Denominação, segundo a autora, que os meninos da Praça da Alfândega, local da pesquisa, fazem a si mesmos. LECZNEISKI, L. Corpo, virilidade e gosto pelo desafio: marcas de masculinidade entre os guris de rua. *Horizontes Antropológicos – Gênero*, publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRS, 1995.

³² Essas particularidades apontadas por Leczneiski não são, segundo ela, exclusivas dos guris de rua, mas estendem-se a jovens do sexo masculino de outros grupos sociais. A especificidade dos meninos de rua está ligada ao “caráter público, explícito e desinibido desta linguagem” .(ID., IB., p.106)

do espaço da rua, do ponto de vista do gênero, salientaria seus valores como masculinos.

Curiosamente, a presença maciça e forte de meninas no itinerário que percorri, ainda que não desfigure o universo de experiências descritas pela autora, traz outros elementos. No campo de investigação de Leczneiski, a mulher era sempre uma presença constante nos discursos dos guris, uma imagem idealizada e distante, insinuante, mas inacessível. Os meninos do centro de Campinas tiveram que lidar com um imaginário análogo e, simultaneamente, com a presença real das meninas nas ruas. As meninas, por sua vez, lidavam com essa realidade e com idealizações sobre o universo feminino. Deste modo, os conflitos, as tensões presentes nos discursos e condutas entre garotos e garotas levam-me a crer que essa presença feminina coloca o imaginário masculino em questão.

As meninas, por um lado, assimilam os códigos masculinizados da rua. A agressividade exagerada, a recusa em submeter-se a lideranças masculinas, o permanente ar de desafio, a homogeneização relativa de sua aparência e o emprego de uma linguagem grosseira fazem parte das estratégias que configuram o “saber de rua”. A incorporação de valores masculinizados se faz igualmente através dos preconceitos que perseguem suas atividades de sobrevivência e que elas reproduzem, como é o caso do ato de prostituir-se, condenado tanto entre elas quanto entre os garotos.

Por outro lado, os meninos enfrentam, na convivência diária, o conflito entre uma construção simbólica da mulher caseira, fiel, e a menina de rua real, ambígua em sua aparência, companheira das arriscadas aventuras pelo espaço da cidade; mistura de menina e sobrevivente das ruas, tão forte quanto eles e ao mesmo tempo tão vulnerável aos sujeitos que os cercam. Também eles vivem a contradição entre reforçar o estigma que paira sobre a prostituição e as práticas homossexuais – reafirmação da identidade viril – e estar envolvido nelas como parte de seu cotidiano.

Situações de tensão entre meninas permanecem subjacentes a uma espécie de companheirismo, de vínculo efêmero construído a partir da circularidade na rua. Em geral, a maior parte das brigas tem como pano de fundo as intrigas sobre suas vidas sexuais e a oscilação de comportamento entre “meninas que vão com todos” e as que se “resguardam”. Brigas entre meninas e meninos são também recorrentes. As relações de solidariedade são recorrentemente fragilizadas por interesses individuais, disputas por atenção de educadores, quebra de confiança, brigas pelo *crack*. Entre os garotos bem pequenos e as meninas se estabelecem relações de dominação. Em troca de proteção, esses meninos obedecem a ordens e concedem favores. Já entre garotos e garotas adolescentes não há liderança estabelecida.

O mundo amoroso e sexual é frágil e fragmentado. A referência a relações entre eles, ou entre eles e pessoas fora de seu circuito, são sempre baseadas nos elementos tradicionais que qualificam um namoro: expressões de afetividade, laços de fidelidade. No entanto, mesmo as projeções de afeto, de fidelidade, de uma idealização de relação amorosa tornam-se enfraquecidas pela efemeridade que permeia suas vidas. No que diz respeito às relações com alguém que não é da rua, a efemeridade é um obstáculo. Para assumir tal tipo de namoro, a menina ou o menino tende a abandonar o circuito das ruas. Entretanto, os possíveis entraves na relação são motivos para que voltem a elas. A fragilidade dos sentimentos e das relações se reforça.

Entre companheiros de rua, a efemeridade molda as próprias relações afetivas e sexuais. Tendo um estreito contato físico, dormindo juntos, protegendo-se, em suas aventuras lúdicas, meninos e meninas desenvolvem uma atividade sexual precoce. O despojamento com relação ao corpo, as trocas constantes de parceiros e parceiras e o desleixo no que se refere à proteção sexual deles/delas são características que constroem suas práticas e idealizações amorosas. De ambos os lados, a vinculação do parceiro ao circuito em que estão inseridos é pensada

negativamente. O fato de meninos estarem nas ruas desqualifica seu potencial como parceiro afetivo e vice-versa. A idealização de amor e sexo fica projetada em outros sujeitos. Nesse sentido, o parceiro da rua não é ideal, ainda que essas práticas aconteçam entre eles.

No contexto da pesquisa, meninas lamentam a imaturidade de seus companheiros de rua. Segundo os educadores, muitas vezes as meninas procuravam se vincular a garotos mais velhos, namorando, ou os acompanhando, em busca de proteção que elas imaginam ser garantida. Algumas meninas gostam de ter sua imagem associada a meninos agressivos e violentos, em uma espécie de imposição de respeito. Mas mesmo essas relações de interdependência são frouxas; as meninas trocam o garoto de acordo com suas experiências circunstanciais, como, por exemplo, um momento de afetividade que surge quando dormem no mesmo mocó. A maior parte das meninas projeta idealizações amorosas em outros sujeitos que não os da rua, justificando que estes são “muito moleque”.³³

Para os meninos, as meninas da rua não são boas para namorar, porque, segundo eles, ficam com qualquer um. As constantes mudanças de parceiros, a facilidade do contato corporal, favorecido pela convivência diária intensa, e a agressividade da qual as meninas se revestem acabam sendo entendidas pelos meninos como vulgarização e desproteção do corpo feminino e, conseqüentemente, essas qualidades ferem a imagem da moça idealizada, fiel, estável, digna. Entretanto, os namoros freqüentes entre eles revelam a ambigüidade com a qual as meninas são encaradas. Apesar de ativarem um discurso idealizador e acusatório, os meninos não deixam de manter seus laços de afetividade e solidariedade com elas.

A gravidez, fruto da sexualidade precoce, da prostituição e também de estupros, reflete essa imbricação de universos contraditórios que formam o circuito itinerante das adolescentes.

³³ FRANGELLA, Simone M. “Capitães do Asfalto”. Op.cit., p.280.

Quando grávidas, as meninas orgulham-se de ter filhos. Encantam-se com bebês que passeiam pelas ruas e adotam posturas maternas ao cuidar dos meninos menores. Entretanto, o papel de mãe não satisfaz as garotas que já se habituaram ao percurso urbano. Apesar da constante ajuda das entidades, muitas meninas passam os nove meses de gravidez na rua, pipando *crack*, roubando, dormindo com outras crianças e adolescentes, intercalando passagens por instituições.

As garotas oscilam entre apreciar a experiência da gravidez, e o abandono do papel de mãe para voltar ao circuito da rua. Os motivos para tal abandono são complexos. É necessário considerar a relação conflituosa com a casa de onde vieram, a falta de estrutura para ser “mãe”, sobretudo no período delicado e confuso da adolescência. Há também a necessidade do *crack* e do mergulho na vivência fragmentada que o circuito da rua oferece, e que elas dificilmente esquecem. O papel materno, parte fundamental da educação dessas meninas em casa, entra em choque com o desejo de estar na rua.

À idealização de amor e fidelidade nas relações afetivas somam-se as contradições com o uso monetário do corpo. Programas e favores sexuais são freqüentes. O corpo torna-se facilmente um instrumento de negociação monetária quando a busca pelas pedras do *crack* torna-se difícil, ou quando a fome aperta. No entanto, a prostituição, considerada uma alternativa viável, não é um recurso automático. Embora a prostituição infantil seja significativa no contexto de algumas cidades brasileiras, como é o caso de Fortaleza, ou do Rio de Janeiro³⁴, onde as redes se sofisticam em virtude do turismo, esse não é um recurso utilizado pelos meninos e pelas meninas que perambulam

³⁴ Fortaleza e Rio de Janeiro são duas cidades turísticas onde incidem índices alarmantes de prostituição infantil. Ver LEÃO, Andréa Borges. Histórias sem fim(ns): o universo dos meninos na rua. Texto apresentado na XX Reunião da ABA, Salvador, 1996; e SILVA, Hélio e MILITO, Cláudia. *Vozes do meio fio*. Op.cit. No caso da cidade de Campinas o circuito da prostituição infantil tem uma projeção bem menor do que a considerada nas cidades turísticas.

Fragmentos de corpo e gênero

pelas ruas de Campinas com a mesma intensidade que o roubo ou a mendicância. Parece ser mais circunstancial.

A prática da prostituição, embora seja um recurso facilmente disponível, não se torna meio de vida. Os “favores sexuais” não são regulares o suficiente para levar esses garotos e garotas à rede de prostituição mais sistematizada, a uma prática “profissional”. Tornar-se uma prostituta implica em deixar a vida itinerante, irregular, pois pressupõe cuidados básicos de higiene e de beleza impossíveis de se fazer na rua. O uso de preservativos e os cuidados com a higiene pessoal não são práticas dessas crianças e adolescentes, o que leva a várias doenças venéreas, muitas vezes, tardiamente diagnosticadas. A sujeira de que seus corpos ficam revestidos e a insalubridade torna-os repulsivos para os clientes.

Apesar de praticada ocasionalmente, a prostituição é uma prática discriminada entre meninas e meninos. Elas e eles se relacionam com as prostitutas nas ruas, criando inclusive laços de solidariedade, mas não dispensam discursivamente a condenação do ato. Prostituir-se projeta a imagem de um corpo oferecido, sem resistências, passível do toque indiscriminado. Ao distinguir as meninas que se prostituem, meninos e personagens sociais ligados ao circuito das ruas aproximam-se delas de modo irreverente, com olhares cobiçosos, toque sensual e uma malícia que não estão presentes nas relações cotidianas entre meninos e meninas na rua, no dia-a-dia entre eles, em meio às conversas.

Se a prostituição feminina não é bem vista, a masculina menos ainda. Na pesquisa, apenas referências indiretas a ela foram feitas. Em vários contextos urbanos, meninos de rua costumam se deixar “apadrinhar” por homens mais velhos, negociando favores sexuais. Mas relatam que nada fazem, fogem antes “de acontecer”. As relações sexuais, principalmente as homossexuais, tornam-se formas de negociação política (prestar serviços a policiais para se livrarem das prisões) ou comercial

(para obter dinheiro).³⁵ Os meninos, nessa troca sexual, demarcam o papel de ativos. Assim, assumir a prostituição masculina é um ônus para a imagem viril dos meninos. Embora parte das práticas dos meninos, a prostituição masculina cria tensões no discurso de virilidade e nas classificações sobre *performances* sexuais.

As relações homossexuais entre esses jovens aparecem nesse contexto também de forma obscura. Muitos meninos se submetem a práticas sexuais quando um deles deve dinheiro ou drogas. Constitui-se nessa atividade uma forma de sobrepujação de um sobre o outro, de afirmação de superioridade, uma vez que, segundo os educadores, os garotos que se submetem são motivo de chacota. A prática homossexual assim se limita, ao menos em seus discursos, a negociações de sobrevivência. Tais afirmações acabam por reforçar o discurso da virilidade presente nas ruas, onde o comportamento homossexual masculino é tolerável na medida em que não indica um “comportamento” homossexual.³⁶ Quanto às meninas, algumas referem-se a práticas homossexuais, terem namoradas, mas suas atitudes e falas parecem confusas e ambíguas, dissolvidas nas posturas aparentemente neutras, em termos de gênero, na rua. Através da proximidade corporal freqüente, da aparência ambivalente e das negociações sexuais múltiplas as meninas parecem tornar mais difusas e contraditórias as fronteiras de gênero constituídas no espaço urbano.

³⁵ Tal marcação, semelhantes a dos michês, coloca a necessidade de negar as práticas homossexuais no nível do discurso. Ao assumi-las, é necessário que se marque a relação de superioridade, através da afirmação de uma identidade heterossexual ativa. LECZNEISKI, L. Pequenos homens Grandes – O Cotidiano de Guris de Rua numa praça de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

³⁶ Como diz Leczneiski, ao falar da relação passivo-ativo: “..estes aspectos demonstram a existência de uma identidade masculina forte que, em última instância, comprova que o “comportamento homossexual não é igual a identidade homossexual”. Herdt, 1981:319 *apud* LECZNEISKI, L. Pequenos homens Grandes. Op.cit.

Fragmentos de corpo e gênero

A presença dessas ambigüidades é resultante da dinâmica itinerante de seus corpos. Não há um código totalizador da experiência de viver nas ruas. Esta tem a propriedade de entremear códigos diferenciados e, na maioria das vezes, contraditórios. O resultado de tal dinâmica são concepções e vivências fragmentadas, disruptivas, muitas vezes incoerentes. Refletem, sobretudo, a presença de outros modelos, referências que resistem aos parâmetros da ordem social postulada desde a primeira educação; mas indicam igualmente o quanto estas referências são poderosas, influentes. No corpo social e no corpo físico manifestam-se as ambigüidades. O corpo, assim como as marcas de gênero que neles se inscrevem, são dotados de um caráter contingente; um corpo situacional, um “*locus* de possibilidades interpretativas”³⁷, no qual as apreensões culturais vão se fazendo gradualmente, e sempre a partir das interações sociais que as tornam visíveis. A especificidade temporal e espacial do trajeto social desses meninos e meninas evidenciam um campo de potenciais re-significações de gênero. O corpo situacional, desnaturalizado, localizado e definido em um contexto social, possibilita formas particulares de vivência que propiciam sua potencialidade inventiva e reforçam o caráter de contingência.³⁸

Despojamento, maleabilidade e ambigüidade

Oscilação entre o sujo e o limpo, despojamento sobre o próprio corpo, a relação com a doença, os usos “políticos” do corpo, manifestações de carinho, relações delineadas por gênero constituem algumas das marcas mais evidentes das práticas do cotidiano de meninos e meninas de rua. Essas práticas permitem pensar o corpo como uma realização simbólica e prática do universo que constróem. Nesse sentido, meninos e meninas

³⁷ BUTLER, Judith. *Gender Trouble - Feminism and the subversion of identity*. New York/London, Routledge, 1990; Sex and Gender in Simone de Beauvoir's *Second Sex*. *Yale French Studies*, n° 72, 1986.

³⁸ ID., IB.

partilham com outros habitantes de rua essa expressividade da itinerância. No corpo nômade, as múltiplas práticas e representações revelam um outro comportamento, que se cria à revelia das regras, burlando-as, e evidenciam o mergulho no universo da rua, na criação de uma outra sociabilidade que se faz ao revés – e de forma complementar – do modo de vida planejado para o cidadão urbano.

No entanto, há uma particularidade no universo dessas crianças e adolescentes. A especificidade está na faixa etária e, conseqüentemente, nas políticas sociais voltadas a elas. Meninos e meninas transitam mais intensamente por outros pontos em seu circuito, como a casa ou as instituições. Estando no limiar da marginalidade, não se ajustam aos mecanismos socializadores designados a delimitar o corpo e suas funções. Como conseqüência da resistência a tais ajustamentos, carregam as marcas da violência, da desconfiança, da vergonha. Por outro lado, tais marcas, somadas às práticas construídas na rua, delineiam uma expressão corporal particular, que projeta a potencialidade de re-significação que meninos e meninas possuem, tanto dos valores “importados” do universo familiar e institucional, como da movimentação da própria rua.

A maleabilidade dos corpos, as táticas agressivas como meio de sobrevivência, a resistência ao poder que se projeta como legitimado constituem uma nova inscrição corporal, sujeita a reformulações constantes, com uma versatilidade que os auxilia em sua adaptação com o tipo de vida itinerante, ao mesmo tempo em que provoca muitas contradições e ambigüidades. As brincadeiras, o desafio no andar e no olhar, revelam o quanto se sentem à vontade com a rua, com sua pluralidade, com o imprevisível. Daí o prazer ao perceberem o quanto assustam o transeunte temeroso, aborrecem os policiais; daí também a busca pela aventura, a sensação de liberdade e de poder aparentes em seu deslocamento. É nesta movimentação ininterrupta entre a vulnerabilidade corporal e habilidade com que lidam com ela que se cria essa “sociabilidade ambulante”. Nela se instaura um

Fragmentos de corpo e gênero

diálogo produzido nas interfaces de processo de ordenação e submissão próprio do poder controlador do espaço urbano.

O corpo é o registro das condutas sociais, na visão de Mauss, ele é um instrumento revelador dos sistemas simbólicos.³⁹ As aprendizagens das técnicas corporais se fazem pela tradição, pela educação, organizadas pela autoridade social. O corpo, portanto, é uma matriz de inteligibilidade⁴⁰ do comportamento social. Partilhando dessa idéia, tomei-o como uma categoria que, do mesmo modo que o espaço urbano, desvela o caráter dinâmico, contingente e ambíguo da “sociabilidade itinerante”. O corpo é o resultado de uma aprendizagem cultural, que não se pauta unicamente pelos valores concebidos pela tradição ou pela autoridade social. Sem a possibilidade de estarem inseridas em um universo consensual, visível em sua totalidade, as manifestações corporais aqui enunciadas são consequência dos diálogos construídos entre a tradição social⁴¹ e seu contraponto, o mundo flexível, “perigoso”, nublado, das ruas da cidade.

³⁹ MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. *Sociologia e Antropologia*, vol II, São Paulo, Edusp, 1974.

⁴⁰ BUTLER, Judith. *Gender Trouble...* Op.cit., p.17.

⁴¹ Se for difícil pensar em uma tradição social única em meio a experiência urbana, consideremos algumas noções que ainda se pretendem hegemônicas nos segmentos sociais. As noções corporais são uma delas.